



**TAVARES, BENJAMIN: PRONUNCIAR A EXPERIÊNCIA,
TRADUZIR A MODERNIDADE**

**TAVARES, BENJAMIN: PRONOUNCING THE EXPERIENCE,
TRANSLATING MODERNITY**

*Helano Jader Cavalcante Ribeiro*¹

*Jehnifer Penning*²

RESUMO:

A experiência como pensava Walter Benjamin é aquela cuja sabedoria e autoridade encontra-se não só nos laboratórios de ciência, mas nas vivências cotidianas, nas histórias narradas, tanto pelo ancião que jamais saíra de seu pequeno vilarejo quanto pelo viajante de grandes distâncias. Entretanto, em meados do século XIX, na Europa, através do Positivismo, a experiência passou a ser contemplada no progresso científico e comprovável cientificamente, sendo excluída gradativamente do universo humano. No entanto, por pensarmos – assim como Benjamin – que a experiência deve pertencer também ao simples viver do homem, é que pretendemos analisar a novela-poema *Os velhos também querem viver* (2014), de Gonçalo Tavares, a fim de refletir sobre o conceito da experiência na modernidade. Como referencial teórico, elegemos, sobretudo *Sobre o programa da filosofia por vir* (2019) e *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* (2011), ambos de Walter Benjamin, e *Infância e História* (2005), de Giorgio Agamben. Frente ao estudo, pudemos perceber que o que corrobora o caos da era moderna é a atual concepção do experimento, ao mesmo tempo em que a experiência enquanto magia é recalçada.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência; Linguagem; Magia.

ABSTRACT:

The experience as Walter Benjamin thought is one whose wisdom and authority is not only found in the science labs, but in everyday experiences, in the stories told, both by the old man who had never left his small village and by the traveler from great distances. However, in the middle of the 19th century, in Europe, through Positivism, the experience started to be contemplated in the scientific and probable scientific progress, being gradually excluded from the human universe. However, because we think - as did Benjamin - that the experience must also belong to the simple living of man, it is that we intend to analyze the novel-poem *The old people also want to live* (2014), by Gonçalo Tavares, in order to reflect on the concept experience in modernity. As a theoretical framework, we chose, above all, *About the program of philosophy to come* (2019) and *About language in general and about the language of man* (2011), both by Walter Benjamin, and *Childhood and History* (2005), by Giorgio Agamben. In view of the study, we could see that what corroborates the chaos of the modern era is the current conception of experience.

KEYWORDS: Experiência; Linguagem; Magic.

1 Professor Adjunto, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Departamento de Mediações Interculturais, hjcribeiro@gmail.com.

2 Doutoranda em Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), j-penning@hotmail.com.



Introdução

Em meados do século XIX, através do Positivismo na Filosofia, sobretudo com os ideais de Auguste Comte, na Europa, a ideia de progresso começou a ser associada à ciência, isto é, aos avanços prováveis cientificamente. A sociedade, nesse contexto, passava a apreciar a pesquisa e a objetividade, o que trouxe avanços significativos em muitas áreas, como o desenvolvimento de altas tecnologias e tratamento para doenças.

No entanto, pensar que a experiência habitava somente os laboratórios e a mente dos cientistas, corrobora para o que Walter Benjamin irá chamar, em princípios do século seguinte, de experiência e pobreza. Giorgio Agamben, atualizando os escritos do alemão, diz por sua vez que “todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer”. (AGAMBEN, 2005, p. 19)

Pensar o conceito de experiência a partir de Benjamin, nos abre um horizonte de novas perspectivas para a discussão por uma ética da memória. Para Benjamin, ela não pode ser relegada ao único saber científico matematicamente comprovável, excluindo de seu campo subjetividades e singularidades. Defendemos que é válido o resgate de uma experiência como lugar do sonho, da fantasia, do não-provável.

Com base no exposto, o objetivo deste trabalho é pensar a novela-poema *Os velhos também querem viver* (2014), de Gonçalo M. Tavares. A obra traz um enredo que atualiza a tragédia ateniense de *Alceste*, escrita por Eurípides. Mantendo as mesmas personagens, o narrador insere-as na Guerra de Sarajevo. Dentro desse contexto, a memória, o passar dos dias atropelados pelo acúmulo dos acontecimentos, as máquinas cada vez mais influentes no cotidiano nos impõem a seguinte questão: quais vidas valem a pena? Igualmente à história original, o deus Apolo, conhecido por ser a divindade da ordem e da perfeição – excelente analogia para a noção de experiência e do experimento – auxilia na resolução dos conflitos.

A obra pode ser lida por diversos ângulos. Nossa escolha foi observar a experiência através das personagens principais: Admeto, Feres e Alceste. Desejamos analisar, sobretudo, o confronto existente entre o novo (que podemos ver como uma metáfora para a modernidade), representado por Admeto, e o velho (possivelmente a tradição, o passado e os ensinamentos), representado pelos pais de Admeto.

Assim, leremos a narrativa com a intenção de encontrar nela as teorias da experiência de Benjamin em “Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem” (1916) e “Sobre o programa da filosofia por vir” (1917-1918) e discutir esse conceito que permanece tão esquecido e desacreditado.

Experimentum linguae

A linguagem, para Walter Benjamin, não é o instrumento pelo qual nos comunicamos e, sim, é aquilo que nos constitui enquanto seres humanos. Assim, Benjamin perguntou: “o que comunica a língua?” (BENJAMIN, 2011, p. 52) Segundo Benjamin: “Ela comunica a essência espiritual que lhe corresponde”. (Idem) Isto é, com a linguagem construímos nossa subjetividade.

Cada ocorrência da linguagem é também uma *demonstração* da essência espiritual – como pensava o estudioso da Escola de Frankfurt. Portanto, a linguagem não comunica palavras, signos. Ela comunica a essência, o significado das coisas. “Pois na linguagem é assim: *a essência linguística das coisas é a sua linguagem*”. (BENJAMIN, 2011, p. 53)

Ao tocar nesse assunto, também lembramos da experiência enquanto conceptualização – que vem a ser o aprendizado com o passado, o olhar crítico que permite evocar uma luz no presente. Ora, ela, a experiência, não se dá de outro modo a não ser pela linguagem. Falar de experiência a partir da linguagem por isso, é falar de linguagem [ou desse *Medium* que tudo abrange].

Com base no discutido, pretendemos analisar a obra de Gonçalo Tavares. *Os velhos também querem viver* (2014) é uma atualização da tragédia ateniense de Eurípides, *Alceste* (2006), e faz-nos pensar na experiência pelo fato de se passar em um momento de guerra, em que é discutido o valor da vida e, ainda, de sua própria valoração.

Tal qual o escrito grego, a novela-poema de Tavares mantém as personagens e o enredo: Admeto será levado pela Morte, mas estará salvo se alguém for em seu lugar. Alceste vai e Admeto fica. “Alceste morrerá para que Admeto possa ficar vivo. É esta a história” (TAVARES, 2014, p. 9).

O que muda, como dito, é o contexto dos acontecimentos. Na obra portuguesa, Admeto e a população estão imersos na Guerra de Sarajevo³ e, por conta disso, ele é atingido por uma bala e está para morrer. O tempo também era outro: “é isso, é isto: àquilo que já não se vê não podes chamar presente – é memória ou futuro, invisibilidade portanto” (TAVARES, 2014, p. 13).

Tavares reutiliza-se da mesma escrita euripidiana, o mesmo enredo e personagens iguais, não semelhantes, mas iguais, o que faz do texto do português uma espécie de “Pierre Menard,

3 O “cerco de Sarajevo” aconteceu durante a Guerra da Bósnia e ficou conhecido como o mais longo conflito da idade moderna, durante de 1992 a 1996. A população de Sarajevo caiu em 36% após a guerra, por conta das mortes e da emigração forçada.

Autor de Quixote”. Assim como Jorge Luis Borges o fez no início do século XX, dando luz a um narrador para reescrever a história de Quixote – o qual a fez sem modificar qualquer palavra – assim o fez Gonçalo Tavares. No entanto, esse atualiza o enredo com algumas considerações contemporâneas, aquele caracteriza a reescrita somente com a distância no espaço e tempo.

O crítico do conto de Borges julga sua obra – idêntica ao original – muito mais rica em detalhes e valiosa para a literatura. O motivo se dá pelo seguinte: Dom Quixote, de Cervantes, é escrito em um período em que romances de cavalaria apareciam com frequência. Já Pierre Menard, por escrever a história com aproximadamente trezentos anos de diferença de tempo, torna-a muito mais interessante, porque se encontra em outro momento histórico.

Por esse motivo, é possível dizer que Gonçalo, ao repetir o acontecido com *Alceste*, mesmo muitos séculos distantes de sua versão original, o faz para reiterar o que ainda permanece em questão, até mesmo na contemporaneidade, isto é, suscita a reflexão sobre a vida e, conseqüentemente, sobre a que vale ser vivida e aquela cuja morte é facilmente justificada.

Júlia Studart, em sua tese de doutorado, ao pesquisar sobre determinadas obras de Gonçalo Tavares, irá ressaltar que sua literatura é como um corpo que dança. Em suas palavras, temos “a literatura como um corpo-dançarino entre a ficção e o ensaio e como um pensamento sucessivo de um passado reminiscente que se apresenta no presente ativo como resistência no mundo agora” (STUDART, 2012, p. 7). Ao estabelecer esse limiar entre espaço/tempo, passado/ agora, teoria/ficção, o escritor comporia a chamada literatura centáurica, a qual Theodor Adorno, Nietzsche, Michel Foucault, Walter Benjamin e outros teriam pertencido. Esse conceito de centauro é como compreender a literatura “como uma possibilidade de penetração no espaço cercado e imunizado que o homem contemporâneo procura habitar sob a membrana do reino mercantil” (STUDART, 2012, p. 290).

É o que Tavares busca trazer em sua obra: sempre o confronto entre o presente, com referências ao passado – a partir de novas personagens com nomes análogos aos de determinados personagens da história – e questionar esse mesmo hoje através da técnica que toma conta da modernidade. Por isso, em muitas de suas obras, como na que relê **Alceste**, encontramos um enredo já conhecido, mas que vem como convite para ser ressignificado.

Mas voltemos à **Sarajevo**. Admeto recebe o deus Apolo em sua casa e esse quer discutir com a Morte, lutar pela vida do amigo. “Nestes modernos séculos, a Morte perdeu a paciência para deuses que se intrometem em assuntos da fisiologia e do metal” (TAVARES, 2014, p. 17). Ela já não aceita que alguém interroge o curso calculável das coisas. Ora,

não se trata já de intervir no destino,

esse sentido abstracto para onde antigamente caminhavam as coisas (como se fosse um plano inclinadíssimo).

Trata-se, sim, de algo bem mais concreto e ofensivo:

uma tentativa de intromissão no normal funcionamento

dos órgãos humanos;

a habitual falência da respiração e do batimento cardíaco

– que costuma acudir ao definitivo morto –

é aqui interrompida e suspensa. (TAVARES, 2014, p. 17)

Enquanto a narrativa de *Alceste* (2006) traz toda uma compreensão enraizada no mito para o cenário da morte, explicando que os deuses não toleram que Tântatos⁴, a personificação da morte, volte para a Mansão de Hades sem a pessoa que veio buscar, advertindo sobre a fúria que acometeria o deus do submundo, o escrito de Gonçalo atenta para uma realidade que não mais permite explanar a morte por um viés religioso, ou mitológico. Na modernidade em que escreve o narrador de “Os velhos também querem viver”, morrer significa que o mecanismo do corpo deixou de funcionar, pifou, como uma máquina.

A morte não gosta, claro.

Que intervenham no vago destino mas não em vísceras vivas,

eis o que pensa a morte moderna;

a morte está cada vez mais preparada, pela ciência detalhista, para saber quando acerta em cheio na cabeça de um ser vivo

e a ocupa em definitivo. (TAVARES, 2014, p. 17-8)

Aqui está o primeiro fato que analisamos: a mudança na percepção da morte. Para Walter Benjamin, o modo de ver a morte era correlato ao entendimento de experiência. As narrativas, os contos orais por onde, de costume, se transmitiam a experiência, ganhavam na morte a permissão e autoridade para relatar, contar. Mas,

no decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo acelera-se em suas últimas etapas. [...] Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar. [...] Hoje, a morte é expulsa para cada vez mais longe do universo dos vivos. (BENJAMIN, 2012, p. 223)

4 Tântatos adverte: “Ninguém poderá salvar a alma dessa infeliz; quer na Lícia, quer nas ardentes regiões de Amón: porque o Destino é inexorável, e não tarda”. (EURÍPIDES, 2006, p. 16) Pela passagem, compreendemos o quanto a percepção de morte está ligada à incapacidade do ser humano de modificar a história já escrita pelos deuses, e enxergamos a vida comandada pelo divino, ou inexplicável.

Assim como a experiência, o entendimento de morte foi relegado ao meio científico e retirado do indivíduo comum, da natureza inexplicável do ser humano em si como essência. Em seus escritos de 1936, Benjamin fala da experiência e da arte de narrar, comentando que “a morte é a sanção de tudo que o narrador pode relatar. É da morte que ele deriva sua autoridade. Em outras palavras: suas histórias remetem à história natural”. (BENJAMIN, 2012, p. 224) Pertencendo ao curso natural e improvável das coisas, a morte era soberana. Mas em um contexto de guerra, a morte é programada e a probabilidade de viver é que se torna exceção.

E em tempo de guerra quem faz mais falta:
o homem que fora de casa combate
ou a mulher que dentro de casa protege os filhos
que mais tarde sairão de casa para combater?
Não há resposta e nunca houve resposta,
dentro ou fora de Sarajevo (TAVARES, 2014, p. 18).

No entanto, a humanidade, tendo contemplado a morte de diversas maneiras, valoriza, por ironia, o eterno, que antes aparecia somente nas narrativas e nos sonhos.

A ideia de eternidade sempre teve na morte sua fonte mais rica. Se essa ideia está se atrofiando, temos que concluir que o rosto da morte deve ter assumido outro aspecto. Essa transformação é a mesma que reduziu a comunicabilidade da experiência à medida que a arte de narrar se extinguiu. (BENJAMIN, 2012, p. 223)

Nesse novo rosto da morte, vemos o reflexo da modernidade, que encara o mundo como eterno; um eterno que caminha somente para frente e não se inclina para trás, não pertencendo ao humano, pois ele vem abdicando de tudo que lhe é natural, ao modificar a maneira como vê a vida e também a morte. É a eternidade como sinônimo de progresso de um futuro científico. Se a experiência se constitui na e pela linguagem, essa remete ao que Benjamin chama de essência espiritual. É tal essência que nos liga ao divino, ao significado de todas as coisas (BENJAMIN, 2011, p. 52).

A linguagem de um ser é o *meio* em que sua essência espiritual se comunica. O fluxo ininterrupto dessa comunicação percorre toda a natureza, do mais baixo ser existente ao homem e do homem a Deus. (BENJAMIN, 2011, p.72)

Contudo, privados de experiência, nossa linguagem não mais nos reporta ao religioso, à crença do mito; ela tampouco equivale à experiência. Ademais, Alceste vai morrer, e ainda não lamentam por ela;

o que se sente já, o que é claro,
vindo da casa,
são os modos antigos e modernos
de insultar as formas que funcionam,
as máquinas que lavam e as máquinas que aquecem,
as máquinas que limpam e o recipiente que recebe.
Porque as máquinas de uma casa, diga-se,
o normal funcionamento das coisas mecânicas
ser insensível à iminente morte de Alceste
**é prova de uma moderna injustiça que ocupa, de certa forma,
o espaço da injustiça passada –
aquela que também não via na alta montanha e na baixa flor
nenhum lamento pela morte do herói antigo ou do simples pastor.** [grifo
nosso] (TAVARES, 2014, p. 21-22)

Através do trecho citado, transpomo-nos para “Experiência e Pobreza”, ensaio escrito em 1933 por Benjamin, que vai ao encontro do narrado na obra de Tavares. Vemos, como sinônimo para injustiça a perda de experiência, o que se traduz em um não-aprendizado com o passado, ou seja, uma ignorância a toda a história já vivida e um descarte da experiência da coletividade. Também visualizamos no excerto acima a referência que o narrador faz à natureza e em como sempre se foi negligente com ela. E como contraponto a isso, estão as máquinas – tão desenvolvidas e rápidas, corroborando o curso da barbárie na humanidade.

Natureza e técnica, primitividade e conforto unificam-se aqui completamente, e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que veem a finalidade da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência redentora que em cada dificuldade se basta a si mesma, do modo mais simples e ao mesmo tempo mais cômodo, na qual um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão.
(BENJAMIN, 2012, p. 128)

O teórico fala em uma existência redentora, que “se basta a si mesma”. Admeto age dessa forma individualista, uma vez que considera sua vida como digna de viver ainda que outro precise morrer por isso. Essa humanidade que visa seu próprio eu, ansiando sempre por um futuro de glórias, mas que abdica das experiências. “Ficamos pobres. Abandonamos, uma a uma, todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um

centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do “atual”. (BENJAMIN, 2012, p. 128)

E pensando nesse atual, lembramos que existe um ponto que não pode ser esquecido, na narrativa de Tavares: primeiro o título, e, segundo o conflito entre Admeto e seus pais, que não aceitaram dar a vida para que ele pudesse continuar a viver. Ainda que também exista, na tragédia euripídiana, essa discussão, analisemos como ela aparece na citada narrativa portuguesa.

No velório de Alceste, assim, Admeto culpa o pai, dizendo ser ele o responsável por sua viuvez e pela orfandade dos filhos, que ficam sem mãe. “Não se chora apenas neste cortejo, também se odeia. [...] Apressa-te, pois, a sair deste espaço. És um covarde, diz Admeto. Continuo pai, deixei de ser filho” (TAVARES, 2014, p. 54). É verdade que, em via de regra do senso comum, compreendemos como muito mais dolorosa a partida de alguém em plena juventude do que a morte daquele que já atingiu a senilidade.

Os velhos, note-se, sempre parecem formas humanas
de, em plena vida, se publicitar a morte;
formas experientes de anunciar algo que se aproxima
por baixo, por cima, por todos os lados. É por isto injusto,
pensa Admeto, vai contra tudo o que é a lógica da causa e do efeito,
do um mais um igual a dois,
um velho não dar um passo em frente;
não dizer: estou aqui, sacrifico-me; que o meu filho fique –
pois eu por aqui já fiquei o tempo suficiente. (TAVARES, 2014, p. 54-5)

Vejamos a metáfora que representa o pai: a tradição. Longe de imaginarmos a tradição como sinônimo de conservadorismo, enxergamo-la como continuidade e ligação entre o novo e o anterior. O que é um velho? Algo que pertence ao atual, mas também ao antigo, ao passado. É, dessa forma, uma ponte entre os tempos, reflexo de uma vivência. Vemos o pai de Admeto – chamado Feres – como a personificação da experiência, em “Os velhos também querem viver”.

[O velho] tem seus argumentos; o seu raciocínio,
a sua forma de ver o mundo. Que a vida não é, diz Feres,
um cálculo simples, numérico e quantitativo.
Se os novos gostam de viver, os velhos também.
E por que razão a vida de um velho valeria menos
do que a vida de alguém que agora começa?
Que cálculos absurdos são esses? murmura.

E por que não o contrário?

Por que não proteger a sabedoria dos muitos anos.

em vez da excitação do jovem que ainda quer conhecer?

Sou velho, diz Feres, e por isso quero viver!

E tu, Admeto, és novo e por isso queres viver! (TAVARES, 2014, p. 56).

Pelo título da narrativa, concordamos em pensar que o narrador deseja que reparemos nessa passagem em que um velho e um novo, o pai e o filho, discutem sobre quem é mais digno de viver. E Feres, o velho, se defende:

não podes pensar que um velho

é metade de um homem;

um velho como eu é pelo menos dois homens, eu diria,

pela experiência, pela sabedoria.

Mas não exijo contas certas.

Não quero impor o meu modo de pensar.

Não quero demasiado, quero pouco (TAVARES, 2014, p. 56).

Admeto não se conforma, achando individualista o gesto do pai. Entretanto, ele próprio foi egoísta ao aceitar que morressem em seu lugar. E Feres desabafa: “Pois bem, eis o mais covarde dos homens, o maior dos parasitas; não receio o que lhe digo: o meu filho vive à custa de mulheres; está vivo porque duas mulheres o permitiram” (TAVARES, 2014, p. 58). A primeira vida Admeto ganhou da mãe, a segunda de Alceste.

A morte da esposa, contudo, encheu o homem de uma tristeza profunda, carregada de remorso. Ao pensar em um imediatismo, ele escolhe por viver sem imaginar que faria da vida sem a mulher; agora, estava fadado a carregar a pior das culpas.

Entendamos a crítica presente nesse momento da obra: ficar vivo a qualquer preço pode pesar mais que a própria morte. Ou, em outras palavras, pensemos na ideia de eternidade, antes citada: é no desejo de imortalidade onde se esvai a experiência, que não aceita o curso natural das coisas, portanto inexplicáveis, que interfere no destino. O marido não pensou no que seguiria a morte da esposa, não teve experiência o bastante para poder refletir sobre o que iria acontecer.

Curiosamente, aconteceu que Hércules passava por Sarajevo. Admeto, como bom hospitaleiro que abrigou o deus Apolo, ofereceu estadia também ao herói e semideus da força. Quando Hércules descobre o verdadeiro motivo da tristeza que pairava sobre a casa, decide

que precisa retribuir ao amigo que tão bem o recebeu, e afirma que “irá à superfície do baú dos mortos trazer vivo quem acabou de lá ser sepultado” (TAVARES, 2014, p. 75).

Oferecer de volta Alceste a Admeto,
incomparável hospedeiro e amigo, é este o projecto.
O sacrifício de Alceste e a sua própria falta de maneiras
– tudo em redor dele [de Hércules] o exige.
A senhora de má e também da boa morte que não pense
que as façanhas de Hércules estão já terminadas [...] (TAVARES, 2014, p. 75).

No escrito grego, esse final faz todo sentido, porém no século XX não. E o narrador, muito atento, o percebe: “o narrador moderno, esse, não acredita; Hércules sai e vai confiante; o narrador fica”. (TAVARES, 2014, p. 75) Na obra que relê *Alceste*, vemos ocorrências como essa, isto é, o narrador se distancia, de certa forma, da cena quando ela apresenta algo inverossímil ou inconcebível para as narrativas atuais, recurso que auxilia o leitor a perceber como o narrar é diferente, hoje.

Outrora, as histórias eram rodeadas de elementos fantásticos, mágicos, inexistentes no *real*, mas aceitos pelo sonho, pela fantasia, que guardava em si a experiência de que a vida humana não é verificável por cálculos ou experimentos científicos, mas miraculosa em sua inconstância e possibilidades. Assim como a vida, para Benjamin, a verdadeira arte de narrar é aquela que jamais expressa uma certeza (condição imutável) e evita explicações: “O extraordinário, o miraculoso é narrado com maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser.” (BENJAMIN, 2012, p. 219)

Conceber as vivências humanas não como algo exato – comparando-as à modernidade exaustivamente comprovável por leis, códigos e experimentos – e relegar a cada um a experiência única de simplesmente existir e experimentar o que talvez seja sequer explicável ou traduzível em palavras, assemelha-se ao pensamento de Benjamin. Narrar e viver devem ser experiências reconhecíveis como autoritárias o bastante para representar a essência de um ser.

É nesse sentido – em que se questiona a sabedoria humana – que também se aceita a morte de um velho, como Feres, porque ele já viveu o bastante e deve dar lugar aos jovens. É igualmente nesse viés, que se prioriza sempre o novo e o progresso, o que ainda está por vir e não o que já passou, ignorando-se tudo o que esse passado tem a nos ensinar.

Colaborando com o exposto, Giorgio Agamben (2005) escreve que a experiência “tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência

[...]” (p. 22-3). Por não ser mais considerada como experiência individual, Feres é visto como ambicioso por defender o valor de sua própria vida em detrimento de outra. Tomemos esse excerto como uma analogia, tanto para pensar na discussão em torno de quem merece continuar vivo quanto para ideia de experiência, pensando em qual é vista com mais autoridade.

Sabendo que a autoridade só pode se dar na linguagem e pensando no ensaio *Sobre o programa da filosofia por vir* (2019), lembramo-nos de Benjamin ao elaborar suas primeiras reflexões acerca da experiência enquanto conceito. Para ele, que pensa esse conceito embasado nos estudos de Immanuel Kant⁵, entender a experiência nos termos investigativos do filósofo de Königsberg, seria refutá-la do contexto da linguagem. Nesse sentido, Helano Ribeiro, no posfácio de *Sobre o programa da filosofia por vir* (2019), comenta que

o intuito de tal programa seria, então, menos formular o projeto de um novo sistema do que encontrar algo que simplesmente não pôde ser visto anteriormente na superfície do conceito kantiano de experiência devido às luzes do Esclarecimento e da razão (RIBEIRO, 2019, p. 65).

Walter Benjamin defende que Immanuel Kant desconsidera uma experiência outra que não esteja vinculada ao matematicamente comprovável. Contudo, Benjamin, por sua vez, não desconsidera a experiência de laboratório e pesquisa, mas sim reitera que essa não pode ser a única forma de concebê-la. E, assim,

Benjamin demonstra que Kant desconhece que o conhecimento filosófico passa, antes da mecanicidade matemática, pela linguagem e pela experiência religiosa e estas, apenas estas, podem atingir o nível mais superior da filosofia por vir. Sua amplitude nos viabiliza outra experiência: a da história (RIBEIRO, 2019, p. 68).

Ao trazer os dois conceitos de experiência, pensemos em Walter Benjamin e em Immanuel Kant, comparando-os a Admeto e Feres, respectivamente. Esse, a voz da sabedoria, da autoridade, do passado, no entanto, ainda que importante, é desconsiderada. Aquele, por sua vez, é o que carrega a experiência como sinônimo de progresso; pode possuir autoridade no mundo moderno, contudo, não lhe bastava para significar sua desgraçada vivência no caos.

A história de Alceste encaminha-se para um final, mas há ainda um último conflito: Hércules pede a Admeto que receba uma estranha em sua casa. O homem muito reluta, pois em memória da esposa, jurou que jamais receberia outra mulher naquele lugar. No entanto, o amigo e semideus insiste:

5 Walter Benjamin pensa no conceito de experiência a partir das obras *Crítica da Razão Pura e Prolegômenos*, escritas e publicadas por Kant em 1783. Demais livros de Kant também o influenciaram.

Diz a Admeto que um vivo deve estar disponível para o que aí vem,
 para os outros vivos.
 Deve virar-se para o que chega e estar de costas para o que partiu;
 que viver é isso – e que sim, é certo, Alceste
 foi a mais importante das mulheres, Admeto deve-lhe a vida
 e tal não deve ser esquecido;
 mas que Admeto mexa o pescoço e olhe para o céu de Sarajevo:
 apesar do cerco e das mortes, faz sol e não há nuvens.
 E que olhe também para o dia: ele aí está, disponível.
 Não se vê como o céu, mas existe. Um dia e depois outro,
 uma vida inteira, ainda. (TAVARES, 2014, p. 82-3)

Nesse momento, Alceste representa a memória: luz e conselheira para o presente, mas que não deve imobilizá-lo. Assim, atendendo ao pedido, Admeto concorda em receber a hóspede: “Hércules não se faz demorar: com a mão direita tira o véu da frente do rosto daquela mulher. Admeto estremece: é Alceste; está viva” (TAVARES, 2014, p. 85). E assim, Hércules atua como *deus ex machina* e soluciona o problema final.

Apolo, conhecido por deus da ordem e perfeição, ao propor que alguém morresse por Admeto, pôde solucionar o problema do amigo, mas não conseguiu evitar que ele sofresse as consequências. Foi preciso, entretanto, não de um deus – que representa um conhecimento absoluto –, mas de um semideus, um meio humano, que como qual, é falho. Hércules, adorado como herói da força, tem como contraponto as características de um bruto e irracional. Para ressignificar a vida de Admeto, foi preciso expor as condições do imperfeito, do inesperado. Como disse Hércules ao viúvo, “olhe para o céu de Sarajevo [...] faz sol e não há nuvens” (TAVARES, 2014, p. 83), como uma súplica para que volte o olhar também à natureza, à vida, ao que sempre continuará intacto e soberano. O momento era de guerra, sim, o desespero frente ao caos, mas permanecer imóvel só faria com que ele sucumbisse ao meio. “Um dia e depois o outro, uma vida inteira, ainda” (TAVARES, 2014, p. 83). Podemos ler esse final como um ponto de esperança e como um conselho: apesar dos momentos sombrios, é imprescindível reagir.

Dar lugar ao inesperado é o que falta à atualidade; o humano não é um deus e tampouco semideus, mas possui algo que lhe permite modificar a realidade, ligando-o ao espiritual: a linguagem. Essa é o que constitui a experiência, a subjetividade e a (re)significação (essência) da vida humana.

Por fim, ao fim

Gonçalo Tavares atualiza a história milenar de *Alceste*, transpondo-a para a Guerra de Sarajevo, anos 90 do século XX. A partir disso, é possível compreender que o passado se repete, e por uma falta de experiência, o tempo moderno, assim como o antigo, continua caminhando para o conflito, à barbárie, repetindo os mesmos erros – que não consideram uma experiência coletiva. O tempo atual, marcado por individualismos e falta de tempo, obriga Alceste a morrer novamente – carregando consigo o peso da ambição do marido de querer viver – assim como obriga Feres a ver no filho um humano egoísta, que desejava a sua morte e também aceitou a morte de outro alguém para ele continuar existindo.

A modernidade acentua ainda mais a percepção de experiência que acolhe como regra o matematicamente verificável o que colabora para uma vida cada vez mais sem sentido, transformando a vivência em apenas um aglomerado de dias que passam, com os quais não se aprende nada significativo, uma vez que o prestígio do mundo atual está na tecnologia e no experimento de laboratório.

Frente a isso, concordamos com Walter Benjamin e sua proposta de filosofia vindoura, essa que abraça o sonho, a fantasia, o devaneio e a arte também como símbolos de uma experiência, a qual deve pensar, sobretudo, em ressignificar essa atualidade desesperada e valorizar a sabedoria tanto do velho senhor que jamais saiu de suas terras quanto do viajante que conheceu o mundo, como lembrado em *O Narrador*, de Benjamin.

Pelo desejo ambicioso de Admeto, que não hesitou em concordar com o deus Apolo, quando esse sugeriu que outro morresse em seu lugar, o próprio Admeto viu sua vida acometida pela tristeza da morte que permitiu. A falta de experiência, então, fez Alceste (o novo) sofrer com a injustiça, como também sofreu Feres (o passado), por se ver como o merecedor de morrer. Considerando o título da obra, acreditamos ser o embate entre o pai e o filho o ponto crucial da narrativa contemporânea de *Alceste*: um chamado pela experiência que contemple a memória e um passado e que não supervalorize o atual sobre o individual.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. – Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas v. 1). 8ª ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas v. 1). 8ª ed. revista. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: _____. *Escritos sobre mito e linguagem (1915-1921)*. São Paulo: Duas Cidades: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa da filosofia por vir*. Trad. Helano Ribeiro. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2019.

EURÍPIDES (485 a.C. – 406 a. C.). *Alceste*. Clássicos Jackson, Vol. XXII (*e-book*), 2006.

STUDART, Júlia Vasconcelos. *A literatura de Gonçalo M. Tavares: investigação arqueológica e um dançarino sutil nas esferas O Bairro e O Reino*. Tese (Doutorado em teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, p. 326, 2012.

TAVARES, Gonçalo M. *Os velhos também querem viver*. Alfragide (Portugal): Editorial Caminho, S.A., 2014.